

O Porto Seco abre as portas

MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Quase cem dias depois da inauguração formal e passados dez anos da destinação da área, o Porto Seco do Distrito Federal começa hoje a funcionar. Desde o dia 20 de abril deste ano, data da festa de lançamento, a estação aduaneira passou por vistorias da Receita Federal e finalmente está apta a realizar o desembarque de mercadorias. No primeiro dia útil após a publicação da permissão no Diário Oficial da União — saiu na edição de sexta-feira —, as empresas responsáveis pela operacionalização do Porto Seco começam a correr atrás da clientela.

Extra-oficialmente, a Logserve, já fez contato com empresas que poderiam estar interessadas em fazer seu comércio exterior via o Porto Seco de Brasília. Algumas já demonstraram a intenção e se preparam para mudar a rota de suas importações e exportações. Elas sairão dos tradicionais portos de Santos e do Rio de Janeiro e usarão a capital federal como endereço. Outras ainda estão analisando as vantagens de importar

matéria-prima pela capital federal. Nesse grupo estão grandes redes, como a Sony, multinacional do setor de eletroeletrônicos, a empresa de telefonia Brasil Telecom e a gigante do setor de bebidas Ambev (Companhia de Bebidas das Américas).

Os principais argumentos de convencimento para que as empresas importem por Brasília são a localização da cidade e o benefício financeiro — o Governo do Distrito Federal financia até 70% do Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) relativo às importações com prazo de pagamento de até 15 anos. Com o Porto Seco, a vantagem adicional será a taxa reduzida de armazenamento.

Para guardar mercadorias no aeroporto — opção existente hoje para os importadores do DF — uma empresa paga, para cada cinco dias, taxa de 1% sobre o valor dos produtos, incluído o adicional de frete e seguro. No Porto Seco, a taxa será de 0,35% sobre o valor do produto para cada 10 dias. Com a tarifa mais barata, a meta é que o porto consiga chegar em 2005 sendo responsável por 30% das importações feitas

AGILIDADE

O nome oficial do Porto Seco é Estação Aduaneira do Interior (EADI), uma espécie de porto marítimo no centro do país. Um instrumento que deverá facilitar o comércio exterior, já que toda a burocracia de liberação de mercadorias importadas e exportadas será feita no Distrito Federal. Estarão reunidos no Porto Seco a Receita Federal, a Vigilância Sanitária, o Ministério da Agricultura e representantes da rede bancária. Com a concentração de órgãos envolvidos com exportação/importação, o desembarque das mercadorias será bem mais rápido.

pelo Distrito Federal, que hoje somam cerca de US\$ 500 milhões por ano.

Escala obrigatória

Aos poucos, a Logserve pretende aumentar o volume de importação da cidade. As empresas que participam de licitações do governo federal, como as do ramo farmacêutico, fazem parte do público alvo de companhias a serem contactadas. Outras possíveis clientes são as terceirizadas que dão manutenção de peças em garantias de grandes marcas

de eletroeletrônicos ou de caixas automáticos.

“Estamos fazendo um levantamento de quais são essas empresas. É muito mais prático que elas importem e montem seus pontos de distribuição aqui. Tudo o que sai do Sul e Sudeste e vai para o Norte ou Nordeste faz escala em Brasília”, afirma Marcelo de Paula, assessor

sor da Logserve e um dos principais responsáveis por fechar os contratos com as empresas.

Na expectativa do Porto Seco, a farmacêutica brasileira União Química começou há quatro meses a dividir suas importações entre o Porto de Santos e o aeroporto de Brasília. Está sendo uma experiência de sucesso, segundo o diretor da empresa, João Carlos Fernandes. Dos US\$ 3 milhões importados mensalmente em matéria-prima, US\$ 1 milhão chega via Brasília.

Com a inauguração da fábrica

brasiliense da empresa no ano que vem, o volume de importações aumentará. A empresa, há 60 anos no mercado, planeja acompanhar o andamento do Porto Seco para começar uma nova investida — as exportações. “Haverá rapidez no desembarque e queremos fazer por Brasília. Esperamos que toda exportação da empresa seja feita pelo Porto Seco”, afirma Fernandes.

Outra empresa que espera o Porto Seco para começar suas exportações é a Johnson Controls, multinacional americana de sistemas inteligentes automatizados para edifícios. A subsidiária brasileira planeja começar a exportar para toda a América do Sul nos próximos meses. A importação — próxima a US\$ 2 milhões por ano — já deverá ser feita pelo Porto Seco imediatamente. “Vamos testar o Porto Seco para importar e depois vamos começar a exportar”, afirma Luiz André Reis, diretor-geral da empresa no Brasil.

Redução de custo

Nascida em Brasília, a Só Frango tornou-se no ano passado a maior exportadora da cidade. Só no primeiro semestre, enviou para vários países do mundo o

equivalente a US\$ 8,2 milhões em carnes. Os produtos da empresa saem do país pelo Porto de Santos (São Paulo) ou pelo Porto de Itajaí (Santa Catarina). Com o Porto Seco, a intenção é que toda a mercadoria seja despachada em Brasília.

Segundo o superintendente da empresa, Ricardo Brandalise, os ganhos virão em agilidade na documentação, além de redução de custos com transporte. A expectativa é gastar metade do que é despendido hoje com o frete interno. Para enviar produtos para o exterior, a Só Frango traz contêineres vazios que depois voltam carregados para os portos, cada um com 25 toneladas. A empresa paga R\$ 0,2 por quilo de mercadoria.

Com o aumento das importações feitas por Brasília passarão a vir para a cidade contêineres de outros países cheios de produtos vindos que a Só Frango pretende utilizar na hora de exportar. “Gastamos hoje entre R\$ 300 mil e R\$ 350 mil por mês com transporte interno. Vindo as importações para Brasília não vamos mais gastar para trazer os contêineres. Eles já vão estar aqui”, afirma Brandalise.



A SÓ FRANGO, COM SEDE EM BRASÍLIA, TROCÁRÁ OS PORTOS DE SANTOS E ITAJÁ PELO PORTO SECO PARA EXPORTAR